

## “Periplus”. Circum-navegação às raízes do futuro

Por Maria Ramos Silva, publicado em 21 Feb 2012 - 03:10 | Atualizado há 2 semanas 2 dias

### Imagem

Imprimir    Enviar

Like    Send

9    0

Tweetar 0

3



A descoberta do património musical comum começou no MySpace, em 2009. Chegados a 2012, “Periplus”, ou circum-navegação, em grego, é uma odisséia dos dois cantores, instrumentistas e compositores às marés da poesia, do fado, do rebético, da morna, das escalas pentatónicas africanas. Um caldeirão de sons onde se cozinham afinidades culturais além-fronteiras da crise. O álbum, que se mostra em palco quarta-feira e sábado, em Guimarães e Lisboa, conta, entre outras, com as participações da escritora Hélia Correia, da cantora grega Eleni Tsiligopoulou e do coro vimaranense Outra Voz.

### **A Amélia dizia que o último trabalho do Michales foi pouco divulgado. Já merecíamos conhecê-lo melhor?**

Amélia Muge (AM) – Acho que temos uma falha cultural muito grande. Não nos conhecemos mesmo dentro do país, o que fará conhecer pessoas de outros países e conhecer pessoas, como o Michales, que faz um trabalho histórico de criação de pontes entre vários géneros musicais, que é um bocadinho o que também é o “Periplus”. São viagens no tempo e no espaço fundamentais, nomeadamente através do trabalho que ele fez a partir de um poeta [Ares Alexandrou] que, como nós, conheceu os problemas da ditadura, como nós teve problemas de resistência.

### **Neste caso, o “Periplus” é uma viagem luminosa ou percorre muitas trevas?**

Michales Loukovikas (ML) – Comparando com o meu trabalho anterior, diria que aqui as cores são mais luminosas. Temos várias viagens, não estamos confinados ao isolamento de uma ilha, como Ares Alexandrou estava. Temos mares abertos à nossa frente.

### **Podemos dizer que Amélia é uma espécie de alma gémea sua no que toca ao trabalho?**

ML – Sim, claro. O meu *alter ego*!

### **Falavam dessas pontes e é curioso como o próprio título aponta logo para semelhanças.**

AM – Temos o “o” no fim, mas é quase igual, dá perfeitamente para entender a palavra.

### **Uma palavra mais simpática que “crise”.**

ML – [risos] Muito melhor, mas “crise” também é uma palavra grega.

### **Como se deu este encontro entre uma portuguesa e um grego?**

AM – Conhecemo-nos no My Space em 2009. Até estamos a tentar perceber se foi no mesmo dia. Tínhamos acabado de fazer a nossa página e eu ainda estava naquela febre de acreditar que se podia ter muitos amigos e conversar com eles sem passar nisso todo o dia. Quando entrei na página dele fiquei completamente espantada, não só pela qualidade da música, como pela modernidade, feita de influências várias, e pela qualidade dos poemas que lá estavam. Fiquei fascinada e pedi para ser amiga. Curiosamente, nunca mais deixámos de conversar. Por isso costumo dizer que o “Periplus” começou mesmo antes de saber que ia existir.

### **Foi primeiro um périplo online.**

AM – Foi online, depois trocámos emails que traziam música. Ele tinha um programa na rádio, “Viagens à Volta do Mediterrâneo”, e comecei a gravar sem perceber nada de grego, mas gostava da ligação que ele fazia entre o Oriente e o Ocidente. Ao fim de seis meses pensei: “Mas vamos continuar aqui muito quentinhos a falar ou vamos partilhar?” Senti mesmo essa necessidade. Quando o projecto

---

se fez já havia seis meses de conversa e continuou a ser uma conversa até aos dias de hoje. Podíamos fazer o “Periplus” dois, três, quatro. O que está aqui foi o que veio a propósito.

#### **Quem foi o primeiro a visitar quem no seu país?**

ML – Fui eu. Vim cá em Dezembro de 2010 para apresentar “Ouro do Céu”. Já cá tinha vindo quando a Amélia veio de Moçambique, em 84, e voltei em 86 e 88. Era um Portugal diferente. Até entre 84 e 86 notei diferenças. Da primeira vez os miúdos pediam-me os pacotes de açúcar que não usava no café. Anos depois era um país diferente. Infelizmente, a última vez coincidiu com um grande incêndio [no Chiado]. E vim agora, para estar com a Amélia.

#### **Como descrevem esta viagem?**

AM – Acho que é uma viagem no espaço e no tempo e não foi nada forçado. Tudo o que foi aparecendo foi ordenado para nos podermos entender em dez sequências, e cada uma delas tem encontros, entre Portugal e Grécia, mas não só. Por exemplo, na sequência das ilhas temos o encontro de Pessoa e Kavafy, através desse ideal de ilha, real e simbólico. A partir da ideia das tascas e das tabernas surge o fado e o rebético. Todas as sequências trazem os elementos de base que trazem as várias ligações, temáticas, poéticas, musicais, rítmicas, histórias e criativas, porque também há um lado nosso de reinvenção. Fomos atrás da informação que tínhamos e procurar mais. A criação não nasce do nada. Trazemos coisas ligadas à música portuguesa de base rural, música tradicional de várias zonas da Grécia, caminhos de ligação entre Atlântico e Cabo Verde. É um périplo de périplos, num desafio que não é só nosso.

#### **Continuado pelos ouvintes?**

AM – Sim, é de quem pegar nele e encontrar outras ligações. Este trazer o longe para perto... Não só o desconhecido, as possibilidades de ligação, de interacção são fantásticas e envolvem o mundo todo.

#### **E partindo de duas línguas tão marcadas, simbólicas, não é necessário o seu domínio para o projecto funcionar.**

AM – Foi o inglês que nos uniu. Isso para mim foi fundamental. A abordagem meramente musical é uma coisa, compreender as palavras é outra. Isso também me permitiu fazer as associações que fiz, senão também seria difícil. O engraçado é a maneira como se percebe que há uma canção europeia, que nos liga a todos. Há irmandades tremendas que nos fazem falta para percebermos quem somos. Nomeadamente na música tradicional, que é tão nossa, europeia.

#### **Vamos além do Mediterrâneo?**

AM – Só um país que tem essa capacidade de fazer essa ligação é que de repente, sendo um país do Atlântico, é considerado mediterrânico. É porque é uma caixa de ressonância. Acho fantástico ter tido a oportunidade de estar neste projecto com o Michales, de as coisas falarem muito por si.

ML – Na música temos esta oportunidade de falar sem ter de dizer uma única palavra. É um privilégio. Agora que vos ouvia, pensava que somos ambos descendentes de navegadores, e acho que se formos ao Líbano encontraremos os antigos fenícios. Estas três áreas, sem serem geograficamente grandes, têm o mar à sua frente. É um factor de união.

AM – Uma das coisas interessantes foi redescobrir coisas. Aquela frase usada por Pessoa, “navegar é preciso, viver não é preciso”, sempre entendi o preciso como necessário. Tenho o curso de História, não de Linguística, e isto não era óbvio. Mas não, afinal navegar é preciso, porque são precisos instrumentos, mapas...

#### **É uma empresa rigorosa.**

AM – É rigoroso, ao contrário do viver. Estávamos a tentar traduzir Pessoa, e o que era natural para ele não era para mim, e não nos estávamos a entender. Se não fosse o Michales não teria descoberto o sentido primeiro de uma frase tão fundamental. É um exemplo entre muitos outros de como tudo foi vivido. Ainda bem que fui apanhada na curva por este “Periplus”, cheio de parceiros. Não posso esquecer o apoio da SPA, o Guimarães Capital da Cultura, o Museu do Fado, a Câmara de Lisboa, os músicos, de uma solidariedade enorme. Vão estar connosco neste palco da Culturgest quase 80 pessoas; em Guimarães mais que isso. Tudo isto dá um sentido de voz de todos que emociona.

#### **Apesar dessa voz, comum, muitas vezes o inglês, já descobriu algum vocabulário grego?**

AM – Falo bem francês, mas tinha muita dificuldade no inglês. Se não fosse o conhecimento do Michales para perceber as minhas asneiras não teria sido possível. Mas é evidente que tento perceber algumas palavras gregas. O alfabeto é tão diferente do nosso... A lógica da língua é por declinações, mas espero aprofundar.

ML – Há várias palavras parecidas. Temos uma história engraçada mas contaremos off record [risos].

AM – É a do dicionário. Quando estávamos a traduzir o “Ouro do Céu”, para minha raiva ele só tinha um dicionário espanhol. Lembro-me que havia uma palavra que acabei por traduzir por rasgão e ele dava-me fenda. Mas não podia dizer “eu tenho uma fenda”. Havia outras que também não davam,

pois podiam ter uma conotação sexual. Eu dizia-lhe que para os portugueses tudo o que seja para fora tem uma conotação masculina e para dentro feminina.

ML – Como vê, divertimo-nos muito. Sofremos muito mas divertimo-nos.

AM – Mas há que dizer que as gravações foram feitas nos arredores de Lisboa, em Atenas e em Salónica. Quando estive em Atenas, em Junho de 2011, apanhei toda aquela grande movimentação de lançamento de gás. Ainda hoje tenho problemas nos pulmões por causa disso, que é a minha medalha de guerra. Se houve muita alegria também houve esta lado duro. Acabei o resto em Portugal, já não consegui cantar mais. São recordações que trazem um significado importante .

**Como vê o Michales a situação na Grécia?**

ML – Os tempos são muito difíceis mas espero que todas estas cabeças pensantes de políticos entendam que a ideia de uma Europa unida não pode ter começado como um belo sonho e acabado como um pesadelo. Devemos resistir e lutar. Encontraremos um caminho.

PUB



*Comente este artigo*

O seu nome: \*

Email: \*

O conteúdo deste campo é privado e não irá ser exibido publicamente.

Página Pessoal:

Comentar: \*

Comments are limited to a maximum of 300 characters.

[CAPTCHA](#)

O campo previne o envio de mensagens spam.



stop spam.  
read books.

Guardar

Pré-visualização

**Iniciar sessão de utilizador**

Nome de utilizador ou email: \*

Senha: \*

Entrar

[Criar uma nova conta](#)

[Pedir uma nova senha](#)

[Inicie sessão usando o Facebook](#)

**Portugal**

Novo sismo sentido na ilha Graciosa, na mesma zona do que foi registado quarta-feira

**Mundo**

FARC anunciam fim dos raptos e querem falar sobre a paz  
Investigadora recebe prémio por identificar genes

**Dinheiro**

Indústria. Novas encomendas pioram em Janeiro  
BCE deverá manter hoje a taxa directora

**Boa Vida**

Portugueses The Pulse apresentam álbum de estreia no sábado, em Lisboa

**Desporto**

Ténis. Frederico Gil repescado para quadro principal do torneio de Indian Wells

Centro Hospitalar do Médio Tejo garante transporte gratuito para profissionais  
Projeto Re-Food chegará em breve à freguesia do Lumiar  
Freeport. Arguidos remetem-se ao silêncio até final do julgamento  
Capacidade de produção alimentar, impactos na saúde e no ambiente debatidos em Lisboa

presentes em recaídas de cancro  
A mais forte erupção solar em cinco anos atinge hoje a Terra  
Registado sismo de magnitude 4,6 no Haiti  
“O novo iPad” quebrou com o número, mas aumentou a potência

Taxas Euribor em queda em dia de reunião do BCE  
Parque Escolar tem números diferentes dos de Crato e diz que o seu bem nome foi afectado  
Juros da dívida voltam a ultrapassar os 1000% a um ano na Grécia

É favor desligar os telemóveis  
Vicente Alves do Ó. “Uns querem Cannes, eu quero salas cheias e o povo a comer pipocas”  
Terra Nova. Depois dos dinossauros, é a série de Spielberg que se extingue  
João Torto. A lenda do homem que sabia voar

Smolarek. Um golo a Portugal e um filho chamado Eusebiusz em honra de Eusébio  
Peyton Manning. Fim de uma era, início de um desafio  
Barcelona. Messi deixa Pantera Negra para trás  
Harvard. Quando a inteligência é usada para meter a bola no cesto